

Público

08-05-2018

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Justiça

Dimensão: 508 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 17

# Banqueiro Carlos Silva foi ouvido durante cinco horas mas pouco ou nada esclareceu

**Justiça**  
Ana Henriques

**Chairman do Banco Privado Atlântico admite que lhe pediram emprego para Orlando Figueira, mas nega ter-lho arranjado**

Foram cerca de cinco horas de interrogatório, ao longo das quais o banqueiro angolano Carlos Silva nunca perdeu a compostura. Mas apesar de ser uma testemunha-chave também nunca conseguiu elucidar os juizes sobre os contornos do processo conhecido como *Operação Fizz*.

“Não sei”, respondeu ontem, por várias vezes, quando lhe perguntaram por que razão o advogado Paulo Blanco, um dos arguidos deste caso, lhe enviou em 2011 por e-mail a minuta de um contrato de trabalho que o procurador Orlando Figueira ia firmar com uma empresa angolana que supostamente nada tinha a ver com o banqueiro. O antigo magistrado é igualmente arguido no processo por suspeitas de ter recebido luvas do então vice-presidente angolano, Miguel Vicente, para arquivar um inquérito que tinha em mãos no Departamento Central de Investigação e Acção Penal em que o governante era visado por indícios de branqueamento de capitais.

Figueira assegura, porém, que, ao contrário do que diz o Ministério Público (MP), quem lhe prometeu emprego em Luanda e lhe pagou mais de um ano de salários, quando ele deixou o MP, foi o banqueiro Carlos Silva, e não Manuel Vicente. Sem pistas novas sobre o que se terá passado, o juiz que preside aos trabalhos tentou espicaçar o banqueiro: “Os arguidos dizem que o senhor e o advogado Daniel Proença de Carvalho é que estiveram por trás do contrato de trabalho. Isto é grave.” Mas Carlos Silva, que é *chairman* do Banco Privado Atlântico e vice-presidente do BCP Millenium, defendeu-se pegando-lhe na palavra: “Não é grave, é gravíssimo. Não sei que motivações tiveram para me implicarem neste processo.” Antes, havia admitido que nesse mesmo ano Paulo Blanco lhe tinha pedido com insistência que arranjasse emprego ao procurador, que queria sair do MP e passar para o sector privado. “Fui muito claro:



Carlos Silva ontem, no Campus da Justiça, em Lisboa

respondi-lhe que não tínhamos”, jurou em tribunal.

E enviarem-lhe a minuta do contrato de trabalho. Não era estranho? “Isso é! Isso é!”, repetiu. Disse, aliás, que nunca leu esses *e-mails*. Tem uma vida muito ocupada e é uma funcionária que lhe faz a triagem do que recebe. Negou igualmente um encontro que Figueira e Paulo Blanco dizem ter tido com ele num hotel em Luanda em 2011. Os detalhes com que o procurador tem descrito o episódio, dizendo que o banquei-

ro se apresentou de calções e sapatos de vela, chocaram Carlos Silva, que assegura que nunca se vestiria assim em tais circunstâncias. “Há coisas que machucam um bocadinho”, observou, a propósito deste relato. Perante todas as contradições entre os arguidos e o banqueiro, a advogada de Figueira pediu uma acareação entre os três, que poderá ser ou não autorizada pelos juizes. A audição de Carlos Silva prossegue hoje.

abhenriques@publico.pt